

DISCURSO E RESULTADO: UM NOVO SINTOMA DA PÓS-MODERNIDADE

SPEECH AND RESULTS: A NEWSYMPATOM OF POST-MODERN ERA

André Vinícius da Silva Machado

Mestrando em Direito pela UNINOVE e advogado

Marcelo Benacchio

Doutor em Direito, Professor do Programa Mestrado em Direito da Uninove e Orientador

RESUMO: Por intermédio das mais variadas formas e maneiras entendemos as tomadas de decisões do Estado e percebemos suas intenções e necessidades através de seu discurso. Muitas vezes o discurso possui outro caráter, eminentemente *especulativo, distorcido* e principalmente *diferenciado* do que realmente se pretende, sendo ineficiente em muitas partes para não se dizer num todo. Da mesma forma, o atual período é o momento de uma sociedade pós-moderna, que é imediatista, consumista, egoísta e hedonista esquecendo-se ou deixando a coletividade em segundo plano, como se encontra bem delineado na obra de Baumann. Traçando um paralelo, este artigo pretende demonstrar como a sociedade atual coloca-se e como é o discurso que o Estado pratica para realizar e implantar suas políticas, que possui uma sociedade pós-moderna como receptora tanto do discurso como das políticas públicas.

PALAVRAS – CHAVE: Discurso – Sociedade Pós-moderna – Estado

ABSTRACT: Through the various forms and ways to understand the decision-making of the country into realize their intentions and needs through his speech. Often the speech has another character, highly speculative, distorted and mostly differentiated than they intended, and inefficient in many parts not to say a whole. Likewise, the current period is a moment of a postmodern society that is immediate, consumerist, selfish and hedonistic forgetting or leaving the community in the background, according of Baumann's book. Drawing a parallel, this article seeks to show how society works and how the speech that the state practice to realize and implement their policies, which has a post-modern society as receiving both speech and public policies.

KEYWORDS : Speech – Post-modern Society - Country

SUMÁRIO: Introdução. 1 A base principiológica de atuação da Administração Pública. 2 A Sociedade Pós-Moderna. 3 O Estado, a pós-modernidade e o discurso. Conclusões. Referências bibliográficas.

Introdução

É recorrente e cada vez mais comum que se tenha contato com um discurso antecipatório de algum fato, procedimento ou mesmo a tomada de uma decisão com alguma importância por parte do governo.

Tal discurso, conhecido em diversos setores da sociedade politizada também como *release* é necessário para divulgação de novas formas, novas políticas e principalmente para se demonstrar o que se pretende com tal mudança e desta forma tentar antecipar o resultado a que se pretende; esse argumento torna demasiadamente importante o trabalho de saber e principalmente compreender o discurso.

Todo o discurso, como é cediço, vem acompanhado de uma bagagem política e social, mas o que dificilmente compreende-se num primeiro momento, é exatamente para quem o discurso é dirigido, o receptor. Neste sentido, percebe-se cada vez mais a inclusão de profissionais renomados de outras áreas, como marketing, neo lingüística e psicologia, para agregar conhecimentos e priorizar o efetivo resultado, que é o discurso com a mensagem perfeita.

Neste trabalho pretende-se examinar o discurso adotado pelo Estado, por intermédio do qual, das mais variadas formas e maneiras, são

tomadas as decisões relativas a uma vasta gama de políticas públicas. Verifica-se, no mais das vezes, que o discurso possui outro caráter, eminentemente *especulativo, distorcido* e principalmente *diferenciado* do que realmente se pretende, sendo ineficiente em muitas partes para não se dizer num todo.

Sabe-se, porém, que estamos inseridos em sociedade pós-moderna que é imediatista, consumista, egoísta e hedonista esquecendo-se ou deixando a coletividade em segundo plano, tal como se encontra bem delineado na obra de Baumann. Por intermédio de um paralelo estabelecido entre essas duas questões, este estudo pretende demonstrar como a sociedade age e como é o discurso que o Estado pratica para realizar e implantar suas políticas, que possui uma sociedade pós-moderna como receptora tanto do discurso como das políticas públicas.

Empregar-se-á aqui o método hipotético dedutivo, servindo-se de pesquisa exploratória e bibliográfica.

1 A base principiológica de atuação da Administração Pública

Antes de adentrarmos no tema propriamente dito, é necessário uma breve e simples explanação que a administração pública rege-se por diversos princípios, e neste contexto necessária se faz a leitura do art. 37 da Constituição Federal de 1988, que determina obediência da administração pública aos princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência, dentre demais diretrizes do texto constitucional.

É o que se lê do art. 37: “*A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e*

dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte: (...).”

Desta forma, o legislador, bem como a quem é dirigida nossa Carta Constitucional, a população como um todo, reparando que todos possuem sua importância e a sua razão de estar ali colocado, mas o destaque é para o Princípio da Eficiência, acrescido ao texto constitucional pela Emenda Constitucional 19/98.

A eficiência administrativa sempre é realçada quando queremos mostrar e dar um sentido ligando os resultados obtidos face aos recursos que foram empregados em tal finalidade, um termo que está relacionado com a finalidade, sendo por diversas vezes entendido também como uma maneira de se fazer as coisas corretamente ou mesmo fazer direito.

A defesa do bem comum de forma eficaz é finalidade básica da Administração Pública que deita raízes na própria razão de existência do Estado. Note-se que ser eficiente é requisito próprio da função exercida pelo administrador público, exatamente como descreve Maria Sylvia Zanella Di Pietro:

O princípio da eficiência apresenta, na realidade, dois aspectos: pode ser considerado em relação ao modo de atuação do agente público, do qual se espera o melhor desempenho possível de suas atribuições, para lograr os melhores resultados; e em relação ao modo de organizar, estruturar, disciplinar a Administração Pública, também com o mesmo objetivo de alcançar os melhores resultados na prestação do serviço público.¹

Logo, quando percebemos a administração pública, nos termos do Art. 37º CF/88, buscando a eficiência administrativa, nota-se uma tentativa do Estado como administração em padronizar procedimentos e

¹ DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. *Direito Administrativo*. 20.^a ed. São Paulo: Atlas, 2007, p. 83.

implantação de novas políticas de gestão e cobrança de resultados, ressaltando que tal atitude vem antecipada de um discurso, este quase sempre enaltecendo condutas e demonstrando resultados melhores.

A expressão *eficácia*, muitas vezes confundida com a *Eficiência*, aparece quase sempre quando o assunto Administração Pública vem à tona, pois *eficácia* pra articulistas é o meio onde desenvolve-se as tarefas na busca de resultados e através da *eficácia* mede-se a *eficiência* da prestação; em palavras mais simples, *eficácia* é a relação entre os objetivos pretendidos e os resultados obtidos.

Não precisamos compreender nenhuma engenharia, ou submeter esta análise à expressões ou cálculos mirabolantes; é imprescindível, apenas, acompanhar se houve uma boa satisfação quanto aos resultados ou não, sendo a *eficiência* medida pelo “bom resultado”.

Essa conjugação demonstrada nos parágrafos anteriores, se bem colocada e acompanhada do discurso correto, pode ser positiva e principalmente render resultados aos agentes da administração, pois realizando com *eficiência* a prestação administrativa, embora atuando nos termos da lei, toda vez que alguém (agente), ou algum setor é percebido como *eficiente*, é comum que a sociedade veja tal com melhores olhos e com certeza com melhor senso crítico.

Tais maneiras de se enxergarem a administração pública, vem recebendo novos tipos de atenção e com isso sofrendo maior destaque ante a uma sociedade “pós-moderna” que hoje é voraz em receber e buscar informações e com isso fazer seus próprios julgamentos e entendimentos acerca do que se enxerga; ou seja, estamos reparando uma mudança drástica na sociedade que se aperfeiçoa minuto a minuto, enquanto que a administração pública não possui tal

capacidade, precisando esta, sempre, oferecer um discurso para que a sociedade entenda e perceba o que ocorre face ao seu descompasso.

2 A Sociedade Pós-Moderna

A pós modernidade é o período que estamos vivendo, comumente tido como um período de incertezas, repleto de individualidades, egoísmos, sentimentos íntimos, tendo como um verdadeiro pano de fundo a liquidez e a volatibilidade do tempo e espaço, num ambiente onde tudo passa a ser instantâneo e rápido, onde muitos produtos não são feitos para durar.

A tendência perseguida nos tempos modernos, sempre foi uma idéia de libertação. Esse sentimento apareceu com mais força após a revolução russa de 1917 e principalmente após o término da II Grande Guerra Mundial, a qual devastou imensas áreas e deixou cicatrizes profundas, materiais, culturais em diversos povos e nações.

Essa libertação após a metade do século XX, foi condicionada frente a um Estado Rígido, não democrático, inigualitário, que promove e conduz a seus iguais a horrores e abusos, não é por menos que a segunda parte e ate o final do século XX, presenciamos horrores, guerras e genocídio de povos, algo que seria inaceitável ante a capacidade de composição do homem moderno, mas que infelizmente não ocorreu.

O caminho errado que alguns povos, ou mesmo algumas nações tomaram na modernidade, são baseados e fundados em belos discursos e políticas enaltecidas de suas decisões. O que sempre precisou ser muito bem interpretado, era a forma e para que tal rumo deveria ser tomado, novamente percebemos o discurso a eficiência e principalmente a eficácia dos meios.

Toda colocação acima, faz um contraponto à passagem para a pós-modernidade, que é o período onde surge um modelo que visa substituir a democracia contemporânea moderna, levando a sociedade para um lado mais volátil, fluído, egoísta.

Citando Baumann, em sua obra, numa passagem no capítulo chamando de TEMPO/ESPAÇO, traz uma inteligente citação de Richard Sennett o qual impressionado pela personalidade e carisma de Bill Gattes nos encontros e fóruns mundias de economia, uma vez que este prefere ser livre e independente de uma obsessão de se agarrar as coisas.

Continuando, o multimilionário da Microsoft, cria produtos e valores que surgem furiosamente e vigorosamente para desaparecer tão rápido; enquanto Rockefeller queria construir oleodutos, prédios, máquinas ou estradas de ferro por muito tempo. Bill Gates como exemplo de pensamento da “pós-modernidade” onde percebe-se uma tendencia de colocar-se e permancer-se numa rede de ininitas possibilidades a paralizar-se num trabalho específico².

Enfim, o que torna-se intrigante na pós modernidade retratada por Baumann como uma liquidez e volatibilidade dos tempos é a absorção de uma ideia de destruição o que se constrói ante ao desejo momentâneo.

O novo discurso visa a retirar amarras da sociedade, livrando-a de totalitarismos e excessos de controles, uma vez que o século XX iniciou-se com regimes totalitários, fortes e rígidos. Não seria coincidência que a existência e ate a predominância destes regimes ate a metade do século tenham levado a maioria das nações a duas grandes guerras, catastróficas e amplamente letais.

² BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Liquida*. Editora Zahar, 2001 – pág. 144

Isso ocorreu e principalmente por uma motivação muito forte e voltada à propagandas que passavam tal mensagem.

O discurso que se pretende com a chegada de tempos pós-modernos, é de libertação, de não vinculação, de extraterritorialidades, de queda de fronteiras e com isso uma maior atenção ao indivíduo como pessoa, como cidadão. Ou seja o resultado prático disto foi o surgimento de um tipo de pessoa no qual ganharia controle sobre seus destinos tomando necessariamente suas decisões como externalização de desejos em vontades.

Não é a toa que com o aparecimento deste tipo de indivíduo, percebemos a ocupação do espaço público pelo privado, trazendo consigo um desinteresse pelas coisas importante a todos, ficando restritos a aspectos conhecidos de figuras públicas e notórias, esquecendo-nos totalmente aquele interesse social. Até continua existindo o interesse coletivo, mas cada vez menos o espaço é dele e pior, fazendo a cada dia este parecer menos interessante e necessário.³

Uma solução seria um retrocesso, uma volta “não negativa” à um passado não distante, e com isso uma tentativa de ocupação provocada do lugar comum, do centro de discussões, enfim a necessidade de utilização de uma casa de diálogos que para muitos já foi chamada de “Àgora”, e desta forma o sociólogo Zygmunt Bauman traz em sua obra *Modernidade Líquida*.

O citado sociólogo, numa simplicidade e facilidade tamanha, admite e observa que teríamos de redesenhar e repovoar a hoje quase vazia ÁGORA, que foi por muitas vezes na história o lugar de encontro do debate, da

³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Editora Zahar, 2001- pág 80

discussão, da política, do conselho, enfim o local onde a sociedade fala por ela mesma, e não por vozes e vontades individuais.

Infelizmente esse retorno à ÀGORA, ainda não é uma realidade, é uma utopia por assim dizer, pois hoje tudo acontece e corre por conta do indivíduo, este explorando ao máximo suas capacidades, vontades e extraindo de seus recursos o necessário para sua satisfação, muitas vezes sequer lembrando dos outros, ou do coletivo.

O mundo pós-moderno passa a ser um mundo onde as pessoas não estão mais a procurarem seus líderes, ou conselheiros. O que se busca infelizmente, são meros exemplos, e estes necessariamente não são bons modelos de exemplificação, uma vez que muitos estão revestidos de “plásticas”, superficialidades bem de acordo com o discurso que os introduziu, e pior sem a substância necessária para se tornarem sólidos, ou seja acabam sendo passageiros, bem como a instantaneidade própria da pós modernidade.

Essa pós-modernidade social, é um grande risco, uma vez que por utilizarmos e basearmos sempre em meros exemplos, ou pessoas notórias, sem que estas sejam líderes, ou mesmo pessoas destacadas por qualidades de destaque, percebemos que cada vez estamos buscando outro exemplo, e logo em seguida mais outro, e assim por diante. O que se traduz de que o meio, a busca enfim esta “rotina” de estar sempre colocando um exemplo como base, foco, inspiração, nem sempre é a mais correta pois o que fica como mensagem é a eterna corrida, o foco pelo exemplo e não propriamente a conquista deste.

Ao utilizarmos a palavra exemplo, deixamos muitas vezes de lado o que somos, e passamos a agir de acordo com o que temos, com nossas posses, com nossos bens e buscamos como desejo na maioria das vezes de coisas materiais. Criamos um sentimento de possuir e agregar mais bens, quando na verdade esquecemos o que somos e cada vez mais nos apegamos a meros

exemplos, claro que tais exemplos estão acompanhados de excelentes discursos e ótimas práticas mercadológicas para tanto.

3 A pós modernidade, o Estado e o discurso

A revolução pós-moderna é o fruto de um excelente discurso, é responsável pelo esvaziamento das discussões verdadeiras, que realmente interessam, em contraponto à prática de comprar e adquirir coisas, o que virou uma nova rotina e necessidade das pessoas, mas lembrando que tal modo é uma conduta extremamente egoísta, hedonista e artificial, tentando ir ao encontro da busca pelo prazer, mais uma vez este “prazer” é simples e superficial, pois balisa-se em mero exemplo e não em uma necessidade real.

Nesta sociedade, a composição de seus elementos é uma atitude individual, ímpar e personalíssima, ou seja tudo precisa ser feito por conta própria, geralmente quando se vai adquirir coisas e bens, geralmente realça-se a faceta individual de uma pessoa. Esta pessoa que vai as compras, é aquela que tenta materializar-se na pós-modernidade, compartilhando das mesmas coisas, como se fosse uma marca, buscando o eterno e imutável; a identidade é individual e personalíssima e somente será consolidada se esta pessoa conseguir adquirir o objeto do desejo.

Este indivíduo é livre por sua conta e risco, fazendo da cadeia de consumo um projeto de vida que tende a ficar interminável; a mudança que a pós-modernidade trouxe é a implicação de se quebrar antigos preceitos, assumindo riscos e divorciando-se de vínculos e obrigações existentes, sempre de uma forma competitiva, agressiva, onde o indivíduo está só dependendo de si

mesmo para suas escolhas, e ações esquecendo-se da unificação humana regida pela cooperação e solidariedade.

Outro ponto da pós-modernidade, é o abandono total dos termos harmonia e equilíbrio entre as pessoas, regras comuns, desejos e aspirações que voltam-se ao bem estar comum e social, deixam de existir, ou ao menos perdem cada vez mais seus espaços, pois o que surge é uma sociedade extremamente individualista, egoísta, hedonista e superficial; tudo isso claro acompanhado de um discurso condizente visando o mesmo resultado, consumir e adquirir coisas.⁴

A insegurança ganhou espaço em nossas vidas, a busca passa a ser a tranquilidade e com isso um resultado cristalino é o esvaziamento das áreas públicas, comuns, coletivas, através do discurso do medo cotidiano, o que deixou o espaço ser preenchido pelo privado com suas tendências e ‘políticas” o que nem sempre pode ser positivo.

A ausência de diálogo, discussão, coisa comum gera um sentimento de se evitar pessoas, fuga de diálogos, não ter contato, não exposição ou divulgação de idéias, negando categoricamente tudo o que seja coletivo, ou possua isto como conceito; a busca é meramente individual e visa apenas a satisfação, o que é um erro social uma vez que por mais atrasada ou esquecida, toda comunidade cresceu quando deixou-se ao lado as questões meramente individuais e assumiu o interesse na coisa comum, no coletivo e sempre houve um discurso para tal finalidade, o que coloco neste ato como um discurso positivo, ao contrario do que percebe-se nesta pós-modernidade.

⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Editora Zahar, 2001- pág. 189

O fator que trouxe a individualidade demasiada à pos-modernidade, acredito que foi a distorção do binômio tempo e espaço. Hoje adquirimos uma identidade virtual, onde não temos barreiras ou fronteira e com isso conquistamos locais distantes sem precisarmos de tempo. O resultado negativo desta conduta é a inexistência de espaço físico, aquele local de reunião, de trabalho, de convivência, que passa a não ser necessário, ou até mesmo dispensável; essa rapidez que incorporada foi à vida pós-moderna trouxe uma liberdade para tomar decisões individuais, ocupar seu espaço e movimentar-se maior se possível sem nenhuma percepção alheia.⁵

O discurso que vem sendo empregado, é o de que o dia de amanhã é o futuro e com isso, deve ser a esperança a mudança, as melhorias, um verdadeiro contraponto vez que a pós-modernidade tem como um dos aspectos em se viver o momento, instantaneamente em tempo e espaços únicos. Precisamos verificar que mudanças o amanhã vai trazer, mas para que isso seja percebido é provável que tenha se a verdadeira necessidade de mudarmos ou como os mais racionalistas preferem, modificarmos, o novo discurso.

O progresso de uma sociedade, primeiramente vêm muitas vezes das decisões e escolhas que determinados grupos podem fazer ou mesmo fizeram. Partindo de um pressuposto histórico, se os navegadores portugueses não tivessem escolhido ir às Índias pelo ocidente, jamais teríamos sido descobertos por eles, e assim sendo não falaríamos hoje português aqui no Brasil; com certeza a escolha de algum grupo fez com que tivesse isto como resultado.

⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Editora Zahar, 2001- pag 144

Quando se fala em progresso, é praticamente a mesma idéia, ou seja, sempre houve pensadores e cientistas que pensavam e criavam teorias, técnicas, formas, modos de utilidade, modelos, projetos e meios, e escolhas tiveram de serem tomadas. Das escolhas temos o que podemos dizer resultado, e como resultado podemos afirmar que é o sub-produto de algum discurso.

Quando coloca-se o discurso como fator na busca de se alcançar algum resultado, percebemos que a idéia de uma das leituras possíveis, discurso é a prática de produção de textos, significando que todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando o seu contexto histórico-social, suas condições de produção; significa ainda que o discurso reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada ao seu autor, seu momento e a sociedade em que esta inserido.

O discurso bem aplicado bem colocado visa a dar efetividade as vontades e necessidades do autor, como refiro-me a eficiência e eficácia do discurso do Estado, preciso destacar que esse discurso emana do Estado, tendo como receptores os indivíduos e toda a sociedade, bem como uma coletividade crítica e politizada.

O risco de um discurso sempre foi o que ocorreu no início do século XX e praticamente acompanhou todo o século passado, ou seja discursos e diretivas carregadas de patriotismos e nacionalismos; quando referimo-nos à patriotismo, temos a idéia de caracterização pelo positivismo ressaltando as boas qualidades e insurgindo o sentido do “eu enquanto país”.⁶

Já quando há a referencia de nacionalismo, este é um conceito que carrega uma carga um tanto negativa, um sentimento de ódio e revolta, com

⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Editora Zahar, 2001- pag 203

um sentido de conspiração; a idéia que se percebe com a comparação de tais discursos muitas vezes é de que o patriotismo seria leve, hospitaleiro e libertador, já o nacionalismo tem um viés de amordaçador, ameaçador e rígido.

Todo movimento que teve um discurso carregado de orgulho, nacionalismo e redução de diferenças⁷, sempre tiveram trágicos resultados, para não se esquecer, basta lembrar o discurso do Partido Nazista da Alemanha durante a segunda grande guerra, bem como movimentos Fascistas na Itália e na Espanha e mais recentemente na extinta Iugoslávia, um discurso complicado junto a uma guerra civil, travaram um dos maiores genocídios dos últimos tempos, cabendo lembrar que tal genocídio não ocorreu em nenhuma nação africana ou mesmo asiática e sim na Europa Central.

Deixando este breve aspecto histórico, percebemos que o discurso e sua aplicação ao que se pretende sempre deverá ser muito importante, pois o discurso por muitas vezes se demonstra o que se pretende ou aonde se quer chegar, observados todos os aspectos e particularidades da administração.

Através de um discurso pode-se administrar o resultado, ou o êxito de alguma conduta com isso o discurso é ferramenta para se alcançar objetivos e de se obter resultados, e ainda observar e repassar a coletividade o que não poderá ser realizado.

Fazendo um paralelo entre as sociedade pós-moderna e a aplicação de discursos, percebemos algo mais perigoso e muito mais difícil de se perceber. O que vem sendo demasiadamente praticado é em razão do imediatismo que temos entendido e empregado em todas as relações sociais, por

⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Editora Zahar, 2001- pág 201

muitas vezes o Estado pratica um belo discurso mas realiza fatos diferentemente do que admitiu ou mesmo afirmou.

Ou seja mostra uma faceta, uma idéia, um lado, agrada uma coletividade, que geralmente não é pequena, por muitas vezes é até instruída e depois de aplicado o seu discurso realiza sua atividade da forma como bem deseja, muitas vezes ao contrario do que se propôs.

Nesse aspecto, reparamo-nos que uma sociedade que cobra e exige é uma sociedade que percebe e analisa o discurso do Estado e sabe que é dirigido à esta, muitas vezes utilizando os mecanismos do estado que possui ao seu dispor para a obtenção do resultado pratico, resultado prometido em discurso e principalmente por que esta sociedade percebeu que discurso é um dos sintomas da modernidade e com esse sintoma pode saber o que o Estado pode e deve fazer.

Nesse ponto, muitas vezes parecemos estar na contramão, estamos nas vésperas de uma Copa do Mundo e próximos de uma realização de Jogos Olímpicos, com o devido respeito merecemos e podemos organizar esses eventos, mas o que não podemos admitir jamais é que estes eventos venham antes de varias condições básicas, como saúde, alimentação, moradia, isso sem contar educação, meio ambiente e transportes; dá pra falar inúmeros itens necessários mas apenas citei estes.

Pronto, desta forma ou da maneira como nosso Estado esta colocando, parece que ao realizarmos a Copa do Mundo e as Olimpíadas, nós vamos garantir à toda nossa população que chamarei agora de sociedade, todas as garantias e objetivos que estão previstos em nossa constituição. Não pense que é errado querer enaltecer e expor esses eventos que o pais vai sediar é ótimo isso tudo, o que é muito perigoso é o discurso que esta sendo empregado para colocar isso a gosto da população.

Na nossa capital, percebemos pessoas discutindo sobre as mazelas e dificuldades que teremos até em “pagar esta conta”, mas o que não conseguiremos decifrar é como a população de um Estado mais pobre que o nosso pode ver isso, ou seja será que a rejeição existe no estado do Amazonas por exemplo, creio que não, pois o discurso embora semelhante foi recebido de maneira menos crítica por aquela população.⁸

É perigoso também a maneira como um governo, ou mesmo grupo deste governo utiliza-se de um discurso para passar a idéia de algo que não aconteceu da maneira como se informou. Uma das maiores riquezas dos tempos modernos é o conhecimento. Sempre se procurou conhecimento com qualidade e rapidez, razão que investimentos neste caminho são constantes e incessantes.

Conclusão

Um dos grandes trunfos, ou mesmo uma das oportunidades é conhecer o que o Estado pretende com seu discurso, a forma como coloca e principalmente como age no predicado do que discursou, precisa-se sempre estar acompanhando o que se ofertou e se a eficácia e eficiência administrativa estão sendo perseguidas, pois de nada se adiantaria um belo discurso que não produzisse resultados, nem mesmo procedimentos que não pudessem se produzir novos discursos.

Finalizando nesse aspecto, o verdadeiro discurso é o que produz resultados eficientes, quando implantado praticamente, o que se colocou em palavras e que bem medido seja principalmente pela sua eficácia na atuação

⁸ ORLANDI, E.P. Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas. Ed. Pontes, 1999 – p.15

quanto aos resultados obtidos, desta forma o discurso correto é o discurso que visa a obtenção de um bom resultado.

O que deve ser evitado é todo o discurso que não condiz com o que se pretende, o famoso discurso que serve como pano de fundo, pois a realidade é outra, e para isso faz-se necessário conhecimento, senso crítico e qualidade de tempo e espaço das informações.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Editora Zahar, 2001

DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. *Direito Administrativo*. 13ª Edição, Editora Atlas, 2001

_____. *Direito Administrativo*. 20.ª ed. São Paulo: Atlas, 2007, p. 83.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1988

NALINI, José Renato. Sustentabilidade e ética empresarial. In: SILVEIRA, Vladmir Oliveira da; MEZZARROBA, Orides (Coord); COUTO, Mônica Bonetti (Org.). *Empresa, Sustentabilidade e Funcionalização do Direito*. Vol 2 da Coleção Justiça, Empresa e Sustentabilidade. São Paulo: RT, 2011.

NOHARA, Irene Patrícia. *Direito Administrativo*. 2ª Edição. São Paulo: Atlas, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso, uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1995.

PINTO, Milton José. *Comunicação e Discurso*. São Paulo: Hackers, 1999.

SILVA, José Afonso da. A dignidade da pessoa humana como valor supremo da democracia. *Revista do Direito Administrativo*.

SILVEIRA, Vladmir Oliveira da; MEZZAROBA, Orides (Coord.); COUTO, Mônica Bonetti (Organizadora). *Justiça [e o paradigma da] Eficiência*. Vol 1 da Coleção Justiça, Empresa e Sustentabilidade. São Paulo: RT, 2011.

SILVEIRA, Vladmir Oliveira da. *Estudos e Debates em Direitos Humanos*. Florianópolis, Editora Conceito Editorial, 2010

ORLANDI, E.P. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas. Ed. Pontes, 1999